



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

O ESPIRO DO VULCÃO: UMA SINERGIA ENTRE A LITERATURA E OS CONCEITOS DA GEOGRAFIA FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Viviane Moreira Maciel^(a), Rosália C. Sanábio de Oliveira^(b), Érico Anderson de Oliveira^(c)

^(a) Colégio Cavalieri – MG, vmmoreiraviviane@gmail.com

^(b) Departamento de Geografia e História (DGH- BH/MG), CEFET-MG, rsanabio@cefetmg.br

^(c) Departamento de Geografia e História (DGH- BH/MG), CEFET -MG, ericoliv@cefetmg.br

Eixo: Metodologias para o ensino da geografia física no ambiente escolar

Resumo

Precisamos, em nossa prática diária como professores, refletirmos sobre a nossa práxis, transformando-a paulatinamente na medida em que procuramos respostas para as dificuldades que vão se apresentando a todo o momento. Buscamos, nesse sentido, processos didático-pedagógicos alternativos para incrementar os conteúdos relacionados à Geografia Física, são experimentações que podem nos levar a uma (re) criação dos métodos e metodologias de ensino-aprendizagem voltados para o aprofundamento de conceitos de Geografia Física dentro da disciplina Geografia. No relato aqui posto, sugerimos um conjunto de ações baseadas na investigação por meio da resolução de problemas. O projeto foi realizado com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II, no Colégio Cavalieri, em Belo Horizonte – MG, tendo como suporte o livro “O Espirito do Vulcão”, de Tatiana Belinsk, e as concepções pedagógicas construtivistas e humanistas, notadamente a partir de David Ausubel, Jean Piaget e Henri Wallon.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Formação de leitores, Resolução de problemas, Prática lúdica.

1. INTRODUÇÃO

A educação no país apresenta um cenário que nos instiga a suplantar nossa dura realidade, de um lado, possibilitando uma restauração do sentido em educar, do como educar e de que sociedade desejamos; de outro, a necessidade enquanto profissionais da educação em nos aperfeiçoarmos continuamente. Lutamos em meio a muitos contratempos e dúvidas, por exemplo: o que fazemos diante da quantidade enorme de conteúdos dos currículos, da contínua desagregação do conhecimento em disciplinas, da falta de entrosamento entre elas, da carga horária reduzida etc? E do abismo entre a desejada aprendizagem por experiência e a construção de uma visão analítica de nosso mundo e as práticas escolares empreendidas? Fazemos, em sala de aula, o que conseguimos realizar em razão de inúmeros fatores que conhecemos bem, todavia, dentro do possível, podemos ir evoluindo e melhorando em nossa



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

atuação cotidiana; a transformação educacional começa conosco.

No tocante aos conteúdos de Geografia Física, essas indagações são claramente diagnosticadas pelo bloqueio de muitos alunos em concatenar as hipóteses e os princípios discutidos em sala com o seu entorno, não discernindo as informações científicas em paralelo à realidade vivida. Sendo que muitos dos tópicos que são fundamentais são apresentados de uma forma rápida e sem aprofundamento, com um caráter de mera informação logo depois substituída por outra, sem a elaboração de um conhecimento; o que poderá causar complicações na série seguinte. Como construir uma casa sem um alicerce?

A Geografia é uma das poucas disciplinas que consegue explicar muito bem a complexidade do mundo em que vivemos, mas, sem os conceitos de geografia física conectados com a formação humana que processualmente também interfere na vida do planeta, não estaremos apresentando uma geografia ao discente e ele não entenderá o seu valor. Estaremos, pois, trabalhando uma “sociologia” sem compreensão do espaço (nada contra o papel da sociologia, por sinal).

Temos, então, um bom combate à nossa frente de trazer a alegria e o prazer em aprender para o ensino de Geografia. Torná-lo inspirador, participativo, afetivo e com um dialogismo mútuo, estimulando os estudantes por meio de atividades que os convidem à investigação. Dessa forma, tendo o professor como mediador, os alunos devem ser capazes de irem além dos parâmetros científicos presumidos, pretensiosos ou categóricos.

O ponto de partida é procurarmos saber quem é o educando que está diante de nós e o que traz consigo, para então pensarmos na nossa prática educativa, e, em Piaget, a palavra chave é interesse:

Assim concebida, a inteligência infantil não poderia ser tratada, muito menos que a inteligência adulta, por métodos pedagógicos de pura receptividade. Toda inteligência é uma adaptação; toda adaptação comporta uma assimilação das coisas do espírito, como também o processo complementar de acomodação. Logo, qualquer trabalho de inteligência repousa num interesse. (PIAGET, 1998, p.162)



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

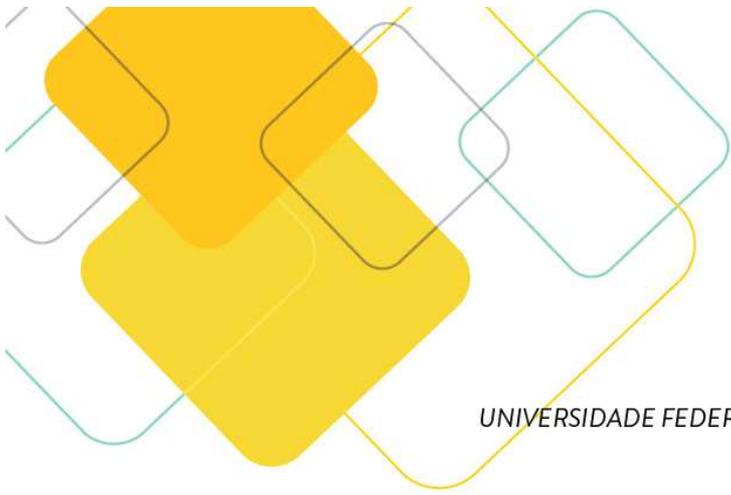
E Piaget continua explanando como é o pensamento infantil:

De fato, a educação tradicional sempre tratou a criança como um pequeno adulto, um ser que raciocina e pensa como nós, mas desprovido simplesmente de conhecimentos e de experiência. Sendo a criança, assim, apenas um adulto ignorante, a tarefa do educador não era tanto a de formar o pensamento, mas sim de equipá-lo; as matérias fornecidas de fora eram consideradas suficientes ao exercício. O problema é todo outro quando se parte da hipótese das variações estruturais. Se o pensamento da criança é qualitativamente diferente do nosso, o objetivo principal da educação é compor a razão intelectual e moral; como não se pode moldá-las de fora, a questão é encontrar o meio e os métodos convenientes para ajudar a criança a constituí-la ela mesma, isto é, alcançar no plano intelectual a coerência e a objetividade e no plano moral a reciprocidade. PIAGET (1998, p. 163).

Um ensino em que o aluno não é passivo está no “método ativo” indicado por Piaget (1998, p. 130). Tal pressuposto tem como base ser preciso fantasiar para depreender, numa constante reelaboração do conhecimento. Isto posto o cerne do sequenciamento educacional é o discente, todavia, o convívio com o outro, a comunicação entre sujeitos e a vinculação entre o sujeito e o ambiente irão produzir abundantes tentativas de harmonizações individuais, até que o sujeito passe a ser mais dono de si e comece a formular suas próprias conjecturas.

Num contexto de experimentação educacional, os processos são mais importantes, pois podem ser redirecionados de acordo com o desenvolvimento das práticas e dizem, dentro de uma humildade pedagógica, que não existem respostas prontas e que os resultados são coletivos, tanto o professor quanto o aluno aprendem. O educador deverá usar a sua intuição e sua observação, uma vez que tudo que for captado, no decorrer das aulas, poderá servir para reorganizar o trabalho, constituindo-se, igualmente, em um mecanismo sucessivo de avaliação qualitativa. Desse modo, o professor é aquele que testa e incita para que o aluno avance.

A proposição aqui é mostrar algumas alternativas pedagógicas que incluem o ensino de Geografia Física na prática de sala de aula e evidenciar situações em que a literatura infantil pode apresentar-se e ser empregada, não somente como elemento inicial para a exposição de determinado objeto de estudo, mas como parte constituinte da disciplina Geografia.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

Nesta visão, consideramos que, em qualquer sequência didático-pedagógica, não existe uma cisma entre docente e discente, tudo está entrelaçado e faz parte do mesmo aprendizado e da mesma vivência. Há, portanto, uma amálgama de propósitos e uma consequente estruturação conjunta de saberes. E, para que o viés autoritário não exista nesta ou em qualquer outra relação pedagógica, é vital pensar-se em autonomia em todo o andamento didático. Esta compreensão colocada em ação permite que o educador impulse a criatividade, a energia dos alunos e a dele mesmo, em proveito de todos, para isso, entre outras coisas, os estudantes precisam ser ouvidos e terem voz.

Para refletirmos sobre nossas ações educacionais, fundamentamo-nos em Cortella, quando revela o que seria a humildade pedagógica:

Só é um bom ensinante quem é um bom aprendente. Um paradigma especial que um educador ou educadora precisa observar é humildade pedagógica. A principal característica da humildade pedagógica é a noção de que alguém sabe coisas, mas não as sabe todas, e que outro as sabe. Sabe outras, mas também não sabe tudo. Só a possibilidade de estruturar uma conexão entre as pessoas pode gerar, de fato, um conhecimento que seja coletivamente significativo. A humildade pedagógica, é portanto, a qualidade essencial de alguém que se disponha a educar, por que só quem é permeável a ser educado pode também educar. A humildade pedagógica corresponde a um comportamento que é a permeabilidade intereducativa. Tem que ser permeável ao aprendizado contínuo e ao ensino contínuo, afinal de contas não se pode confundir Educação com escolarização. A escola é um pedaço da Educação, e não se pode imaginar que Educação é algo que se encaixe em um período de tempo determinado. Não existe ninguém qualificado, nós estamos todos em situação de qualificantes o tempo todo. (CORTELLA, 2014, p. 39-40)

Existem muitas oportunidades no uso das histórias infantis na disciplina Geografia, particularmente quando permitem o reconhecimento de noções geológicas, geomorfológicas e ambientais básicas existentes na Geografia Física. Esses conhecimentos possuem um caráter envolvente, aguçam a curiosidade e criam uma ligação afetiva com a leitura, com os fenômenos descritos e suas práticas, promovem um manancial motivador na maioria destas histórias. Neste caso, a preocupação maior é com a vivência realizada pelos alunos no transcorrer da leitura escolhida de “O Espirito do Vulcão”, de Tatiana Belinky (Figuras 1 e 2). Mais do que as atividades feitas, as conclusões construídas pelas experiências literárias foram esclarecedoras e positivas.

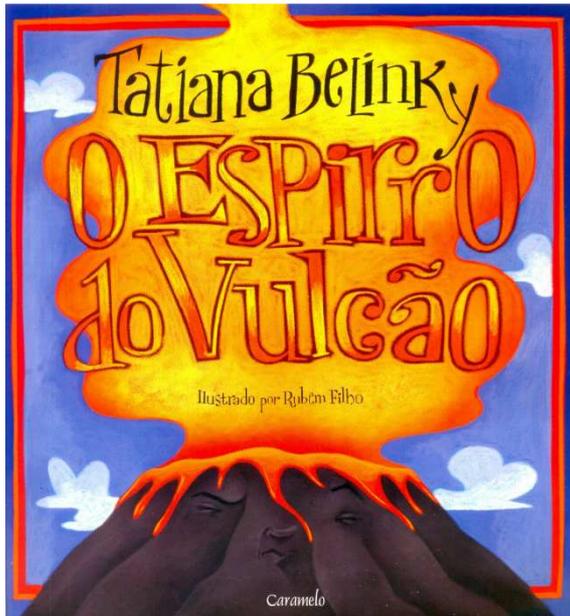


XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019



Figuras 1 e 2 – Capa e interior do livro “O Espírito do Vulcão”.
Fonte: BELINKY, 2011.

Quem melhor conhece seus educandos e sabe de suas habilidades e capacidades é seu professor, que, diante da estrutura que possui, de sua própria visão de Geografia e sua formação, definirá que ferramentas utilizará para atingir os objetivos delineados por ele. Para os autores, a literatura infantil deve ser usada, quando escolhida como suporte de uma prática pedagógica em Geografia, de diferentes maneiras, pois ela é uma das linguagens que estão à nossa disposição.

O livro pode ser físico ou virtual, a leitura pode ser individual ou coletiva, há a opção de contação de histórias e/ou a criação das mesmas, entre outros exemplos. Na concepção revelada pelos autores, elegeu-se a leitura de um livro (físico) com a produção individual de um diário de bordo pelos estudantes, no qual registrariam as suas impressões, perguntas e conclusões. A escolha deveu-se em função das especificidades da turma e da infraestrutura disponível e, ao final, após um debate dirigido pelo docente, as deduções comuns deveriam ser acrescentadas ao diário de bordo.

O valor principal das atividades com um livro reside em estabelecerem-se elos entre a



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

obra literária, a Geografia presente nela, a imaginação, a singularidade e a afetividade mostradas durante todo o curso das atividades entre os participantes e em relação às práticas. Acreditamos que parte dessa afetividade pode migrar para o gosto pela leitura e também, para a disciplina em questão, uma vez estando atrelada à ludicidade, aos interesses e à curiosidade, aspectos muito naturais na infância.

Mendes esclarece sobre a emoção e a afetividade na aprendizagem existentes em Wallon:

O sentimento é a representação da emoção, pois Wallon refere-se às representações para traduzir a emoção que podem ser elaboradas variavelmente pelo indivíduo, pois este utiliza a linguagem, os gestos, a arte ou a literatura para interagir. Essa representação é elaborada mentalmente e pode ou não se tornar conhecida, o que não é o caso da emoção. Os sentimentos permeiam as relações sociais que acontecem em diferentes meios, com o é o caso do professor que trabalha com literatura infantojuvenil, pois ele é afetado pelos alunos e pelas obras literárias. (MENDES, 2017, p.58)

De acordo com Souza, temos as ideias expressas por Piaget sobre o pensamento infantil e a imaginação:

Ainda Piaget (1926) descreveu o pensamento infantil como egocêntrico, realista e mágico: o realismo sendo a tendência para confundir signo e significado, interno e externo, psíquico e físico. Este realismo faz com que o limite entre o eu e o mundo externo seja mais livre na criança do que no adulto. Quando houver diferenciações entre o eu e o mundo exterior e equilíbrio estável entre assimilação e acomodação, é que a criança poderá estruturar a realidade de forma operatória, isto é, aplicando-lhe estruturas de classes e relações. (...) A ligação com o mundo real modifica-se no período das operações formais (11/12 anos à idade adulta), quando o pensamento tornar-se-á hipotético-dedutivo, ou seja, quando terá como conteúdo possibilidades de ocorrência dos fatos, além dos dados empíricos. O real, tornar-se-á nessa fase, apenas uma das dimensões do possível, e os objetos serão substituídos por enunciados verbais, o que introduz a lógica das proposições. (SOUZA, 1999, p. 102)

Assim, os alunos nessa faixa etária transitam, na pedagogia piagetiana (1926), entre o período das operações concretas e o período das operações formais. Ou seja, por meio de textos literários no ensino da Geografia, devemos considerar o uso da linguagem fantasiosa e inventiva, e, equitativamente, ajudarmos os alunos a transpô-la, realizando analogias e comparações com a realidade por meio dos conceitos inerentes à disciplina.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

Na crença dos autores, a disciplina é apreendida, nesse âmbito, numa acepção integral, abarcando para além dos tópicos estudados chegando até à formação de uma educação para a cidadania. A partir disso, o aluno pode ponderar sobre o mundo onde está inserido com base nos conhecimentos adquiridos e, no respeito à natureza, o aprendizado se dá pela experiência, reflexão e resolução de problemas.

Eric Dardel desmembra o espaço em variados níveis de profundidade e valores ligados ao afeto, ao tempo, à concretude, à estética, às vivências, aos simbolismos, entre outros. A interpretação desses signos, levando em consideração a história, série e maturidade dos discentes envolvidos, enseja a leitura da vida humana no planeta, como ele explana adiante, Dardel:

O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente, de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença. (DARDEL, 2011, p.2)

E, sobre essa relação entre práticas pedagógicas, o ensino e os saberes científicos, temos a perspectiva de Bachelard a seguir:

A opinião pensa mal, ela não pensa, traduz necessidades em conhecimentos. Ao designar os objetos pela sua utilidade, coíbe-se de os conhecer. Nada se pode fundar a partir da opinião; é necessário, antes de mais, destruí-la. Ela constitui o primeiro obstáculo a ultrapassar. [...] O espírito científico proíbe-nos de ter uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular claramente. É preciso, antes de tudo saber formular problemas. [...] É precisamente o sentido do problema que dá a marca do verdadeiro espírito científico. Para um espírito científico, todo o conhecimento é uma resposta a uma questão. Se não houver uma questão, não pode haver conhecimento científico. (BACHELARD, 2000, p.166)

E Bachelard continua falando de uma maneira que serve a todos os professores, independente da disciplina lecionada:

Na educação, a noção de obstáculo pedagógico é igualmente desprezada. Muitas vezes me tenho impressionado com o fato de os professores de ciências, mais ainda, se possível, do que os outros, não compreenderem que não se compreenda. Muito poucos são aqueles que investigaram a psicologia do erro, da ignorância e da irreflexão. Os professores [...] imaginam que o espírito começa à semelhança de uma lição, que é sempre possível refazer um estudo indolente repetindo uma aula, que é



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

sempre possível fazer compreender uma demonstração repetindo-a ponto por ponto.
(BACHELARD, 2000, p. 168)

Buscando novas linguagens no ensino de Geografia que permitam diferentes interpretações e análises individualizadas, num ambiente favorável à plena comunicação e socialização, vimos na literatura um recurso pedagógico propagador de informações geográficas adequadas à série, incentivando, da mesma forma, o hábito da leitura e desejando que, no processo pedagógico, as referências, de parte a parte, sejam reelaboradas e tornem-se saberes.

Com tal característica, usamos o texto literário com o intuito de verificar se este potencializa a apropriação do conhecimento científico presente nos conteúdos de Geografia Física, no 6º ano do Ensino Fundamental II, convertendo-os em aprendizagens significativas. Quando dizemos aprendizagens significativas, remetemos ao fato de que pensamos em dois aspectos integralizadores: o primeiro no fato do conhecimento do aluno tornar-se um conceito efetivamente; o segundo, alicerçados nas noções de David Ausubel (2000), em como se dá, no plano psíquico e didático-pedagógico, essa aprendizagem significativa.

Ausubel (2000) explana que a Aprendizagem Significativa é um sistema no qual uma nova instrução convive de modo não abusivo e não restrito com a organização cognitiva do aluno, de forma que o conhecimento anterior dele comunica-se, de maneira significativa, com a ideia nova que lhe é veiculada, ocasionando transformações em sua estrutura cognitiva.

Materiais que ele chama de organizadores prévios podem atuar como potencializadores dos “subsunoçores”, existentes no arranjo cognitivo. Subsunoçor é um ordenamento particularizado em que uma nova informação pode se incorporar ao cérebro humano, um arcabouço extraordinariamente ordenado e possuidor de uma classificação conceitual que reúne vivências precedentes do aluno. A literatura, nesse prisma, apresenta-se como um organizador prévio.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

2. MATERIAIS E MÉTODOS

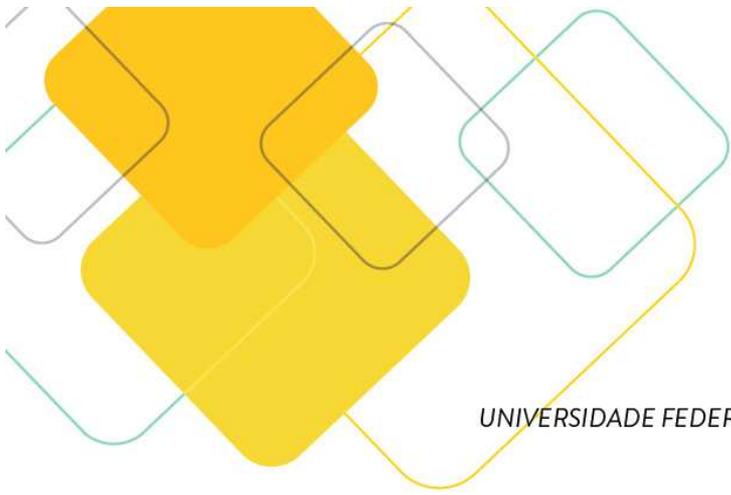
Inicialmente fez-se um levantamento bibliográfico sobre as teorias usadas como suporte a esse trabalho (de Jean Piaget, David Ausubel e Henri Wallon), tanto em artigos quanto em livros. Parte dele foi lida e discutida entre os autores antes de planejarem as práticas.

Ao iniciarmos as atividades em sala de aula, aplicamos uma avaliação diagnóstica voltada para a verificação de alguns conteúdos prévios: origem e formação do planeta, vulcanismo, tectonismo, entre outros.

A partir do diagnóstico feito, elaborou-se um material complementar para servir de apoio aos estudantes durante as atividades, de caráter mais generalista. Escolhemos a literatura infantojuvenil – lúdica – como a linguagem ideal para a série, por atender aos desejos da professora e ser considerada interessante pelos estudantes. A escola disponibilizou alguns exemplares do livro para atender ao projeto e ocorreu um rodízio de leitura entre os alunos. A professora preparou uma apresentação em *power point* com o livro digitalizado para ajudar na conexão das ideias durante os debates.

No decorrer das ações, os discentes, individualmente, começaram a fabricar um diário de bordo no qual colocariam os seus questionamentos, os resultados de suas pesquisas e das deduções resultantes do que foi dividido coletivamente em sala. Foram dadas sugestões de filmes/documentários encontrados na internet, bem como sites com conteúdos afins, direcionados para a idade dos participantes, que poderiam ajudar nas pesquisas, além de museus geológicos/mineralógicos da cidade. Eles deveriam assistir pelo menos a um filme ou parte dele, do mesmo modo, visitar um museu sugerido e escrever as impressões e as referências no diário de bordo. Nesse aspecto, desenrolou-se uma troca de informações sobre sites, filmes, músicas, museus e livros considerados envolventes.

Em seguida, realizou-se uma exposição com as tarefas efetivadas seguida de um lanche coletivo, em que cada aluno deveria construir um modelo de vulcão com o material



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

que desejasse para a apresentação, marcada com antecedência (Figuras 3 e 4).



Figuras 3 e 4 – Exposição dos Vulcões feitos pelos alunos e Vulcão Comestível.

Fonte: Acervo dos autores.

Como forma de incrementar e dar maior realismo à maquete, os estudantes fizeram uma mistura de vinagre e corante vermelho e depois adicionaram um pouco de bicarbonato de sódio. Esses ingredientes, quando são misturados, reagem provocando a formação de uma espuma colorida (Figura 5).



Figura 5 – Sequência de simulação de erupção.

Fonte: Acervo dos autores.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para o 6º ano do Ensino Fundamental e as demais séries igualmente, o trabalho pedagógico conjunto com a literatura é uma ferramenta enriquecedora. Ela enfoca a memória coletiva, a alegria, a inventividade e faz uma ponte entre o saber informal e o científico, e é aí que o estímulo do professor entra, ao fazer comparações e incentivar a resolução de problemas. O projeto associou a leitura com os temas de Geografia Física da série e os discentes experienciaram um mergulho imaginário na vida dos vulcões e do planeta, cenário com o qual eles se identificaram. A avaliação foi contínua e os alunos incorporaram princípios geográficos na história infantil associando-os com o presente e parte disso deveu-se ao fato de eles serem os próprios narradores e reelaborarem a história inicial com o diário de bordo individualizado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho descrito desenvolveu as competências dos educandos abrangendo o seu desenvolvimento integral, contribuiu para a elaboração de conceitos e a conquista de um discernimento com sentido. Respeitou as particularidades da faixa etária dos alunos, entre 11 e 12 anos, associando a Geografia com o universo da imaginação, o lúdico, o desenvolvimento da linguagem, da sociabilidade e da autonomia.

Para reviver as aulas de Geografia, convertendo-as em ambientes envolventes, e, particularmente, aproveitar melhor os temas de Geografia Física, a recomendação é que o professor se empenhe em pesquisar livros de literatura infantil, que, ao serem identificados como potencialidades pedagógicas, poderão conduzir mais facilmente os conteúdos de Geografia Física para o contexto infantil dos alunos, favorecendo, assim, a aprendizagem.

Referências Bibliográficas

AUSUBEL, D. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. 1. ed. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2000.

BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.



XVIII
SBGFA

SIMPÓSIO BRASILEIRO DE
GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA

GEOGRAFIA FÍSICA E AS MUDANÇAS GLOBAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ • FORTALEZA - CE • 11 A 15 DE JUNHO DE 2019

BELINKY, T. **O Espirito do Vulcão**. São Paulo: Editora Caramelo, 2011.

CORTELLA, M. S. **Educação, Escola e Docência**: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.

DARDEL, E. **O homem e a terra** – a realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011

MENDES, D. B. **Memórias afetivas**: a constituição do professor na perspectiva de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

PIAGET, J. **A representação do mundo na criança**. São Paulo: Record, 1926.

_____. **Psicologia e pedagogia**. 9. ed. Tradução: Dirceu Lindoso e Rosa Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

SOUZA, M. T. C. C. Aspectos Afetivos e Cognitivos em Reconstituições de um Conto de Fadas. In: SISTO, F. F. (Org.). **O Cognitivo, o social e o afetivo no cotidiano escolar**. Campinas. São Paulo: Papyrus, 1999 (p.197 – 218),